

Evento: XXI Jornada de Extensão  
ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

## **IMPLICAÇÕES TECNOLÓGICAS NO ÂMBITO DO TRABALHO: O OLHAR DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO<sup>1</sup>**

### **TECHNOLOGICAL IMPLICATIONS IN THE FIELD OF WORK: LOOKING AT THE PSYCHODYNAMICS OF WORK**

**Maély Corcete Soares<sup>2</sup>, Solange Castro Schorn<sup>3</sup>**

<sup>1</sup> Estudo realizado a partir do projeto de pesquisa em Psicologia da UNIJUI

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Psicologia da UNIJUI

<sup>3</sup> Dr. Professora do curso de Psicologia da UNIJUI

#### **INTRODUÇÃO**

A produção de um trabalho de pesquisa científica requer um pensamento crítico e interesse referentes ao que quer ser pesquisado. Dessa forma, olhar para os trabalhadores nas organizações, o que os sustentam no posto de seus empregos e a relação do homem sofrimento-prazer, surgem como interesse de estudo e que parte da experiência de estágio realizado anteriormente na ênfase de Psicologia e Processos Organizacional e do Trabalho. A partir disso, considera-se, no estudo, uma possibilidade de refletir sobre o lugar que esse sofrimento tem para o sujeito no trabalho. De acordo com Dejours (2007), o trabalho faz função para o ser humano por ser uma ação e, ao mesmo tempo, construir a subjetividade, porém muitos fatores são colocados para o próprio trabalhador ser um objeto e um deles o uso excessivo da tecnologia.

As chamadas intoxicações eletrônicas (JERUSALINSKY,2017) têm efeitos no sofrimento psíquico do sujeito, uma vez que o laço social também fica restrito por essa ferramenta. A leitura psicanalítica oferece contribuições para compreender como o discurso do sujeito está atravessado pela tecnologia, principalmente nas redes sociais, uma “incorporação às mãos e ao cotidiano” (KALLAS,2016). O trabalhador, não se desliga dos seus afazeres no emprego (FLACH, et al, 2009). Estar conectado requer que esteja produzindo, indo na lógica, especificamente, do discurso capitalista compreendido pela ótica de Lacan (1992). Estar tanto tempo em contato, mesmo de forma indireta, com a organização, acaba intensificando as atividades. Conforme Dejours (2011), a organização do trabalho afeta o funcionamento psíquico pelo fato de o sujeito ter sua história de vida e seus desejos, e a organização os ignora, assim, o trabalhador entra em conflito com a realidade que se apresenta.

Com base nessas elaborações, busca-se compreender como a utilização exacerbada da tecnologia afeta o sujeito trabalhador a ponto de gerar sofrimento psíquico.

#### **METODOLOGIA**

O estudo se desenvolveu pela pesquisa em Psicologia como um estudo bibliográfico, qualitativo de caráter exploratório, tendo como base teórica a psicanálise, considerando seu conceito de sujeito do inconsciente em sua articulação com a Psicodinâmica do Trabalho, elaborada nos estudos dejourianos, em seu entendimento de sujeito do sofrimento e do prazer. Como ferramenta de coleta de dados/informações foram utilizados livros e artigos científicos consultados nos sites SciELO (Scientific Electronic Library Online), PePSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia) e Google Acadêmico.

A pesquisa está inserida no campo da Psicologia Organizacional e do Trabalho, discutindo a relação que o sujeito trabalhador tem com a organização e os meios eletrônicos. Para a análise e interpretação das informações dos dados coletados, utilizando a metodologia análise de conteúdo

(AUGUSTO, et al, 2014).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

No mundo contemporâneo, o trabalho tem um entendimento diferente de milênios atrás. No ano 10.000 a.C, na era do homem primitivo, o trabalho era uma forma de sobrevivência. Mesmo que naquela época não houvesse conceito de trabalho, os homens sabiam que precisavam utilizar as forças para obter o alimento, como, por exemplo, na atividade de caça. No período que compreende a Idade Média, o trabalho era visto como forma de maldição, embasado na bíblia pelas concepções da igreja. Do ponto de vista da etimologia, a palavra trabalho nasce de um instrumento de tortura e “origina-se do latim tripaliare que significa “torturar”. Da ideia inicial de sofrer, passou-se para a ideia de esforçar-se, lutar, pugnar, e, por fim trabalhar” (CUNHA, 1986, apud CANIATO, 2008, p.178).

Historicamente, acompanhando as transformações sociais e culturais, a concepção de trabalho se modificou, passando pela caça, agricultura, feudalismo, artesanato, comércio, até chegar na era do capitalismo e, conseqüentemente, na era tecnológica. Assim, com o tempo, o conceito de trabalho sofreu alterações até chegar na palavra trabalho como hoje é compreendida, e não somente se altera o conceito, como a forma de trabalhar e se relacionar com o labor. Na contemporaneidade, o trabalho é visto como algo de valor. Porém, não trabalhar é entendido como o que causa vergonha, desconforto, caindo no julgamento da sociedade. Bem por isso o trabalho possibilita um lugar no social para o sujeito, isso porque “a atividade humana é só trabalho se houver a síntese entre o pensamento e a ação” (CANIATO, 2008, p.178).

Nesse sentido, e pela ótica da Psicodinâmica do Trabalho proposta por Dejours ([1990] 2011), o trabalho é constitutivo para o sujeito, visto que este ao se relacionar com o trabalho produz transformações, seja intelectual e/ou física. O trabalho torna-se sinônimo de ação, tanto externa quanto interna, construindo a subjetividade do sujeito que o produz. De acordo com o autor, o trabalho é causa de satisfação e prazer, mas também pode ser produtor de sofrimento. Isso a partir da concepção do trabalho enquanto um destino da pulsão, podendo, então, gerar satisfação e prazer, bem como a descarga da energia psíquica. O sofrimento é compreendido como desprazer, vinculado a não satisfação de necessidades, estas de origem inconsciente.

Ressalta-se da obra de Dejours (2011) que o sofrimento compõe o trabalho. Nesse sentido, aparece como possibilidade de implicação do sujeito em relação ao que o rodeia de forma criativa, no entanto, esse sofrimento pode tornar-se patológico quando não criativo, de modo que o sujeito é posto na organização do trabalho em ritmo acelerado, intenso e competitivo, como o capitalismo exige, fazendo com que o sujeito não seja criativo com o seu fazer, mas virando um modo automático e repetitivo. Nesse meio, a tecnologia é a grande forma para o trabalho ser mais ágil e produtivo, colocando o trabalhador no isolamento no seu espaço de trabalho.

De acordo com Dejours (2011), o sistema capitalista imerge o sujeito em um individualismo, próprio do tempo contemporâneo, que teve sua origem na modernidade. O autor salienta que a organização do trabalho afeta o funcionamento psíquico pelo fato de o sujeito ter sua história de vida e seus desejos, e a organização os ignora, assim, o trabalhador entra em conflito com a realidade que se apresenta.

Por esse meio do capitalismo, surge o assédio organizacional e que Sboll (2008) diferencia de assédio moral, mas associando-os entre si. “O assédio organizacional se estrutura a partir das estratégias de gestão e divisão do trabalho” (p. 86). O assédio moral envolve pessoalidade, tendo um alvo escolhido e determinado, no caso uma pessoa, e essa prática acontece em vários ambientes que exista grupo de pessoas como escola, empresas, comunidade. No assédio organizacional os alvos são

**Evento:** XXI Jornada de Extensão

**ODS:** 3 - Saúde e Bem-estar

indefinidos, devido que o objetivo é aumentar a produtividade e o controle dos trabalhadores.

A tecnologia passou a ser uma ferramenta ora para trabalho, ora para lazer. Com ela aparece a indiferença entre os espaços privado e público. É pelas redes digitais que facilmente o sujeito pode se perder no lugar que está se falando, pois “no mundo virtual há quebras de hierarquias, que definem os limites claros e os papéis nos relacionamentos no mundo real. Lá, na virtualidade, todos partem em condições de igualdade” (KALLAS, 2016, p.57).

Jerusalinsky (2017), destaca a velocidade com que chegam as informações tecnológicas que, de certo modo, “engole” o sujeito, tornando algo angustiante, pelo auto cobrança de estar sempre bem informado e alerta. Assim, o excesso do tempo (cronológico) ocupado na tecnologia não surge mais o tempo (subjetivo) do sujeito na elaboração de suas questões, tampouco para suas implicações, tanto no âmbito subjetivo como organizacional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A necessidade de estudar o sujeito do trabalho que utiliza a tecnologia em excesso nas organizações é de importância no contexto contemporâneo, no sistema capitalista, onde o uso indiscriminado das tecnologias afeta os laços sociais assim como acarretam o sofrimento psíquico dos sujeitos envolvidos. A tecnologia sempre estará presente no cotidiano e cada vez novas ferramentas digitais e inovações surgirão. Por isso, quanto mais se inova maior é a necessidade de olhar para a relação entre sujeito do trabalho e as ferramentas que geram repercussões no psíquico (BOUYER, 2010).

Palavras-chaves: tecnologia e sofrimento psíquico; assédio organizacional e psicanálise; saúde do trabalhador

Keywords: technology and psychic suffering; organizational harassment and psychoanalysis; Worker's health

## REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Cleicle Albuquerque et al. Pesquisa Qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados nos congressos da Sober (2007-2011). Rev. Econ. Sociol. Rural, Brasília, v. 51, n. 4, p. 745-764, dez.2013. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20032013000400007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032013000400007&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 17 jun. 2020.

BOUYER, Gilbert Cardoso. Contribuição da Psicodinâmica do Trabalho para o debate: "o mundo contemporâneo do trabalho e a saúde mental do trabalhador". Rev. bras. saúde ocup. São Paulo, v. 35, n. 122, p. 249-259, dez. 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0303-76572010000200007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0303-76572010000200007&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 02 abr. 2020.

CANIATO, Ângela Maria Pires; LIMA, Eliane da Costa. Assédio moral nas organizações de trabalho: perversão e sofrimento. Cad. psicol. soc. trab. São Paulo, v. 11, n. 2, p. 177-192, dez. 2008. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-37172008000200004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172008000200004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 02 abr. 2020.

DEJOURS, Christophe; ABDOUCHELI, Elisabeth; JAYET, Christian. Psicodinâmica do trabalho: contribuição da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 2011.

**Evento:** XXI Jornada de Extensão

**ODS:** 3 - Saúde e Bem-estar

DEJOURS, Christophe. A banalização da injustiça social. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

FLACH, Leonardo et al. Sofrimento psíquico no trabalho contemporâneo: analisando uma revista de negócios. *Psicol. Soc.*, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 193-202, ago. 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822009000200006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822009000200006&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 06 mai. 2020.

JERUSALINSKY, Julieta; BAPTISTA, Ângela. Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações sociais. Bahia: Ágalma, 2017.

KALLAS, Marília Brandão Lemos de Moraes. O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 38, n. 71, p. 55-63, jun. 2016. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-73952016000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952016000100006&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 07 abr. 2020.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

SOBOLL, Lis Andréa Pereira. Assédio Moral/Organizacional: uma análise da organização do trabalho. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

**Parecer CEUA:** 4338191018

**Parecer CEUA:** 1.850.054?2016